

Doutrina para a Guerra Assimétrica

Coronel (Res) Clinton J. Ancker, Exército dos EUA e
Tenente-Coronel (Res) Michael D. Burke, Exército dos EUA

QUALQUER discussão sobre doutrina e assimetria deve começar por reconhecer a tensão inerente entre o papel da doutrina e a natureza da assimetria na guerra. A doutrina deve expressar, de forma sucinta, os conhecimentos coletivos a respeito de como as Forças Armadas dos EUA conduzem as operações militares. Em 1923, o historiador J. F. Fuller escreveu que "a doutrina é a idéia central de um exército. Para ser profunda deve ser formada de princípios de guerra e, para ser eficiente, deve ser bastante flexível para aceitar modificações de acordo com a mudança das circunstâncias. No nível mais elevado do conhecimento humano, essa idéia central ou doutrina é nada mais que bom senso — isto é, ações adaptadas às circunstâncias".¹

Embora a guerra assimétrica englobe uma ampla gama de teoria, experiência, conjuntura e definição, a premissa implícita é que a guerra assimétrica lida com o desconhecido, com a surpresa em termos de objetivos, meios e fins. Quanto mais diferente o oponente, mais difícil será antecipar suas ações. Se soubéssemos, com antecedência, como o oponente planeja explorar nossas diferenças, poderíamos desenvolver uma doutrina específica para reagir contra as suas ações. Contra oponentes assimétricos, a doutrina deve proporcionar um modo de se pensar em assimetria e uma filosofia operacional que leve em conta essa assimetria.

Uma maneira de se olhar a guerra assimétrica é considerá-la como um ciclo clássico de ação, reação e contra-reação. Os inimigos estudam a nossa doutrina e procuram contra-atacar. Qualquer inimigo competente irá fazer o inesperado, se acreditar que dará certo. Quando entendemos a assimetria reagimos contra ela. Por exemplo, se o inimigo em potencial possui armas biológicas e os Estados Unidos não, nossa preparação será feita no âmbito técnico, doutrinário e operacional

em termos de proteção da força, desenvolvimento de antídotos e a habilidade de atacar ou derrotar os meios de lançamento inimigo, seu apoio civil e meios afins. Essa preparação serve para dissuadir o uso de armas biológicas, porque a vantagem assimétrica do inimigo foi reduzida.

Infelizmente, a incerteza é inseparável da natureza da guerra, e a assimetria aumenta a incerteza. Aqueles que esperam que a doutrina, a tática, a técnica e os procedimentos (*tactics, techniques and procedures—TTP*) forneçam soluções e listas para ação, logo se desiludem com essa idéia. Quando e se o inimigo nos surpreende com uma ação, nossa resposta é necessariamente *ad hoc* e menos eficaz. Dependendo de nossos preconceitos e da flexibilidade de adaptação, a vantagem que um oponente desfruta pode perdurar. A doutrina deve preparar as forças singulares com uma atitude pronta para lidar eficaz e rapidamente com a incerteza. O torpedo Longa Lança da Marinha japonesa ilustra nosso fracasso em tratar com uma ameaça assimétrica.

Torpedo Japonês Longa Lança

Nos anos entre a I e a II GM as marinhas japonesa e americana procuraram soluções técnicas e táticas diferentes para o combate naval de superfície. A Marinha americana concentrou-se no fogo de longo alcance diurno, apoiada por hidroaviões de observação e computadores analógicos sofisticados.² Para que o computador pudesse calcular a solução de tiro, o navio designado para a missão tinha de manter uma rota estável que permitisse a estabilização do computador e fornecesse dados precisos às torres.

A Marinha japonesa construiu o torpedo Tipo 93 Longa Lança com uma grande ogiva de combate que podia alcançar uma distância de 18.200 metros ou mais,



Departamento de Defesa

O encouraçado USS Pennsylvania e outro encouraçado não identificado da classe Colorado, seguidos por três cruzadores deslocam-se em direção ao Golfo de Lingayen antes do desembarque em Luzon. Filipinas, janeiro de 1945.

numa velocidade de até 45 nós.³ Os japoneses tinham um sistema ideal de direção automática dos torpedos. Como consequência, os japoneses adestraram-se para lutar à noite, com contratorpedeiros e cruzadores em manobras radicais, armados com torpedos.

Mais de dois anos após encontrar o torpedo Longa Lança pela primeira vez no início de 1942, a Marinha dos EUA ainda não compreendia a capacidade dessa arma. As duas marinhas haviam se encaminhado por dois caminhos

Nos anos entre a I e a II GM as marinhas japonesa e americana procuraram soluções técnicas e táticas diferentes para o combate naval de superfície. A Marinha americana concentrou-se no fogo de longo alcance diurno, apoiada por hidroaviões de observação e computadores analógicos sofisticados.

assimétricos diferentes, e o desenvolvimento de torpedos na marinha americana apresentou muitas deficiências. Os torpedos americanos eram dotados de uma velocidade muito reduzida, uma ogiva menor, um alcance de menos de 9.200 metros e com frequência não explodiam, mesmo quando atingiam o alvo. Conseqüentemente, a Marinha dos EUA projetou suas capacidades inferiores ao programa do inimigo e se recusou a acreditar que os

japoneses eram capazes de possuir um torpedo superior. Eventualmente, o poder aéreo dos EUA, o fogo dirigido por radar, e outras adaptações táticas restauraram um nível de equilíbrio, mas durante todo o transcurso da guerra, o torpedo japonês frustrou os planejadores navais dos EUA. A Marinha sofreu uma surpresa assimétrica técnica e tática. O fato de não havermos previsto a arma e, na verdade, não podermos aceitar o fato de que os japoneses a tivessem, não permitiu respostas fáceis, e levamos vários anos para nos adaptar.

O Desenvolvimento da Doutrina dos EUA

Para superar a tensão inerente entre assimetria e doutrina, nos concentramos em duas observações sobre assimetria que são muito relevantes para o desenvolvimento da doutrina americana. Primeiro, devemos entender que, para muitos dos nossos inimigos em potencial, parecemos ser tão assimétricos quanto eles parecem ser assimétricos para nós. Para o combatente da Al-Qaeda, escondido numa caverna em uma parte remota do Afeganistão, as bombas incendiárias especiais, lançadas com precisão letal por aviões a várias milhas de distância e a milhares de pés de altitude, dirigidos por designadores a laser portados por elementos bem adestrados e furtivos das Forças de Operações Especiais, são métodos tão assimétricos quanto as suas táticas para nós. A segunda observação é que a doutrina não pode prever a natureza e a forma dos conflitos assimétricos,



Departamento de Defesa

Tropas da 7ª Divisão de Infantaria empregam um lança-chamas para afugentar franco-atiradores em Kwajalein, fevereiro de 1944.

mas pode antever as tendências e o conjunto de conhecimento conceitual necessários para enfrentar um caótico ambiente operacional assimétrico.

Para entender o papel da doutrina temos de distinguir entre doutrina e *TTP*. A maioria das pessoas que emprega o termo doutrina refere-se ao conjunto da doutrina sem separar o papel de cada componente. Definir o papel de cada componente é aparentemente uma pequena distinção, mas é importante para o entendimento, uma vez que cada componente tem um papel diferente nas operações das Forças Armadas. Ainda de maior relevância é que cada componente tem um papel ligeiramente distinto com respeito à assimetria, e cada um tem um ciclo de vida diferente com respeito ao seu desenvolvimento e utilidade.

A doutrina eficaz explica como esperamos lutar e operar com base na experiência e na melhor previsão possível do futuro. A doutrina:

- Proporciona o elo entre a pesquisa, a teoria, a história, a experimentação e a prática.
- Compreende um conjunto de conhecimentos e experiências que pode ser aplicado.
- Oferece um entendimento e uma linguagem comum que nos permite articular clara e sucintamente o que as forças do Exército devem executar.

A estrita definição da doutrina é "princípios fundamentais com os quais as Forças Armadas ou elementos

das mesmas conduzem suas ações em apoio às metas nacionais. É autoritário, mas requer ponderação na aplicação".⁴ Para distinguir entre o conceito amplo, incluindo os quatro componentes, e a definição estrita, podemos destacar a última.

Como disse Fuller, a doutrina do Exército deve pro-

Para o combatente da Al-Qaeda, escondido numa caverna em uma parte remota do Afeganistão, as bombas incendiárias especiais, lançadas com precisão letal por aviões a várias milhas de distância e a milhares de pés de altitude, dirigidos por designadores a laser portados por elementos bem adestrados e furtivos das Forças de Operações Especiais, são métodos tão assimétricos quanto as suas táticas para nós.

porcionar um conceito operacional — uma filosofia de como opera o Exército.⁵ Para assim fazer, a doutrina deve conciliar as necessidades operacionais com os considerados pontos fortes da força. Os exércitos operam melhor quando tiram proveito das capacidades demonstradas e dos pontos assimétricos fortes. A história possui muitos

exemplos de fracassos militares causados pelas tentativas de se igualar ao estilo de guerra do inimigo, apesar da inadequação das forças empregadas.

Táticas. A tática aborda o emprego de unidades durante o combate.⁶ A aplicação prática da tática é altamente circunstancial e é considerada tanto ciência como arte. O manual de campanha do Exército dos EUA, *FM 3-90 (Tactics)* estabelece que "a ciência da tática abrange o entendimento daqueles aspectos militares da tática — capacidades, técnicas e procedimentos — que podem ser medidos e codificados. A arte da tática consiste em três aspectos inter-relacionados: o agrupamento criativo e flexível de meios para cumprir missões designadas; a tomada de decisões sob condições incertas quando se defronta com um inimigo inteligente; e o entendimento da dimensão humana — os efeitos do combate nos soldados. O tático recorre à arte da tática para resolver problemas táticos, res-

Como disse Fuller, a doutrina do Exército deve proporcionar um conceito operacional — uma filosofia de como opera o Exército. Para assim fazer, a doutrina deve conciliar as necessidades operacionais com os considerados pontos fortes da força. Os exércitos operam melhor quando tiram proveito das capacidades demonstradas e dos pontos assimétricos fortes.

peitando as intenções do comandante ao selecionar entre opções inter-relacionadas, tais como formas de manobra, missões táticas e definição de medidas de controle".⁷ Deve-se considerar, em particular, na descrição da arte da tática — "a tomada de decisões sob condições incertas quando se defronta com um inimigo inteligente" — porque representa quase um vínculo direto entre a tática e a assimetria.⁸

As táticas variam constantemente com a situação. Não existem soluções táticas fixas; o manual de tática somente oferece uma lista da qual podemos selecionar. A tática é empregada contra um inimigo assimétrico durante o combate, mas não pode existir uma lista de táticas para a guerra assimétrica, já que cada uma é diferente. A tática é qualquer método que empregamos contra um oponente assimétrico quando organizamos as forças para combatê-lo. O que diferencia a tática contra um oponente assimétrico é que talvez nunca tenhamos empregado uma determinada opção, ou que talvez tenhamos que incorporar opções novas para contra-atacar a assimetria. Quando confrontados por uma nova situação, os líderes devem selecionar dentre uma variedade de possíveis soluções e adap-

tar a solução escolhida às circunstâncias no local do engajamento.

Técnicas e procedimentos. Técnicas são métodos gerais detalhados que as tropas e os comandantes usam para executar determinadas funções e missões, especificamente métodos para o emprego de equipamento e tropas. Os procedimentos são linhas de ação padronizadas e detalhadas que descrevem como cumprir uma tarefa. Técnicas e procedimentos, o nível mais baixo do amplo termo doutrina, são internos à Força. São detalhados para cada tipo de unidade segundo a organização, equipamento e ambiente.⁹ É o nível de guerra "normas gerais de ação", ou nível "técnico" da guerra como é chamado pelo Corpo de Fuzileiros Navais (CFN). Técnicas e procedimentos são um padrão de operação introduzido gradativamente através do adestramento.

O adágio, as forças "lutam como são adestradas", é verdadeiro. As forças armadas não podem inventar tudo à medida que surgem obstáculos. Por necessidade, aplicamos as técnicas e procedimentos existentes contra oponentes assimétricos, e com alguma adaptação, elas funcionam. Em outros casos, se não existem técnicas e procedimentos, e a combinação inovadora de técnicas e procedimentos existentes não der resultado, procuramos outras e as integramos com as já existentes para resolver um problema diferente. Se houver possibilidade de que a situação que ocasionou a mudança ocorra outra vez, devemos comunicar às demais forças a solução adotada para evitar que passem pela mesma experiência desagradável. Pode-se até acreditar que os soldados do Exército americano no Afeganistão ainda estejam adaptando e aplicando os treinamentos e as normas gerais de ação aprendidas antes do desdobramento.

Toda a força militar competente se adapta. As unidades modificam técnicas e procedimentos constantemente, de acordo com as circunstâncias e com o conhecimento obtido pela experiência. Certamente isto não é nada novo ou unicamente aplicado contra inimigos assimétricos. Quando confrontado com dispositivos contra o desarmamento de minas e outras armadilhas durante a II GM na Itália, o Exército inventou procedimentos para a limpeza e marcação de áreas e técnicas específicas para o seu desarmamento. Da mesma forma, fuzileiros navais e soldados conceberam exercícios especializados para destruir as cavernas e fortificações japonesas subterrâneas durante a guerra no Pacífico. Fazer mudanças em técnicas e procedimentos para que sejam eficazes em toda a força exige experimentação, treinamento e disseminação. Essas ações são parte da natureza adaptável do combate. A adaptação é crítica para o êxito militar, uma vez que a guerra, assimétrica ou não, trata com a incerteza.



Departamento de Defesa

Operações da Era da Informação do século XXI em pleno desenvolvimento, enquanto soldados, peritos em computadores, pertencentes a 101ª Divisão Aeroterrestre procuram transporte animal em Narizah, Afeganistão, julho de 2003.

A Incerteza e o Inesperado

O teórico militar alemão Carl von Clausewitz advertiu que a incerteza é fundamental na guerra.¹⁰ A incerteza, em função do comando, controle, e inteligência melhorados, pode ser reduzida até certo grau, mas como ficou demonstrado pelos eventos no Afeganistão e até mesmo em todos os conflitos travados pelos EUA, não pode ser eliminada. A incerteza é uma faceta permanente da guerra e surge:

- De uma falta de informação sobre as intenções inimigas, como por exemplo, se era intenção de Saddam Hussein atacar a Arábia Saudita.
- Da hora, local e até mesmo da existência de um plano de ataque, tal como a ofensiva alemã nas Ardenas.
- Da eficácia ou até mesmo da existência de uma nova arma, tal como o Torpedo tipo 93.
- Da criação de uma nova forma de guerra, como a *blitzkrieg*.

Alguns até podem argumentar que a incerteza, como função da assimetria, tem aumentado com a propagação da tecnologia e a justaposição de objetivos conflitantes, não apenas entre as nações-estados, mas também entre atores de estados diferentes. Sem dúvida, há evidência do crescimento potencial para operações assimétricas, em função do número de conflitos em potencial e de combinações de oponentes, meios técnicos, percepções culturais e valores. Oponentes em potencial entendem

que entrar em um combate convencional com as forças norte-americanas é equivalente ao suicídio. À medida que aumenta a assimetria, o mesmo acontece com o nível de incerteza e há probabilidade para surpresas táticas, operacionais e estratégicas.

As táticas variam constantemente com a situação. Não existem soluções táticas fixas; o manual de tática somente oferece uma lista da qual podemos selecionar. A tática é empregada contra um inimigo assimétrico durante o combate, mas não pode existir uma lista de táticas para a guerra assimétrica, já que cada uma é diferente.

A assimetria nada mais é do que mudar o nível de incerteza, ou de surpresa, para um novo nível que envolve estilos, meios e até fins. De uma perspectiva doutrinária, nossa resposta é a mesma, quer a assimetria do inimigo seja uma tática inovadora de baixo nível ou uma abordagem estratégica totalmente nova. Devemos ser bastante astutos para reconhecer que algumas coisas mudaram e ser flexíveis para criar uma resposta eficaz. A doutrina deve facultar isso.

Lidar com o inesperado requer um ajustamento rápido à situação atual. Quando a doutrina passa a proibir demais, ela se torna irrelevante. Pior ainda, instila nas forças singulares uma vontade de seguir o livro ao pé da letra, quer as circunstâncias justifiquem ou não. O Chefe das Operações Navais durante a II GM, Almirante Ernest King, alertou contra essa probabilidade em 1940 quando disse: "Não haverá tempo nem oportunidade para fazer mais do que atribuir as tarefas para os vários subordinados... Se relutarem em agir porque estão acostumados a receber ordens e instruções detalhadas — se não estiverem habituados a pensar, julgar, decidir e agir por conta própria... estaremos em sérias dificuldades quando chegar a hora para operações ativas."¹¹ A doutrina deve abraçar a filosofia da iniciativa e do pensamento criativo para reagir contra a incerteza. Quanto mais assimétrico o oponente, mais importante é a afirmativa anterior. O adestramento deve complementar a filosofia das operações que enfatiza a incerteza. A doutrina do adestramento deve priorizar a colocação dos soldados e líderes em circunstâncias não familiares e forçá-los a pensar com criatividade.

O teórico militar alemão Carl von Clausewitz advertiu que a incerteza é fundamental na guerra. A incerteza, em função do comando, controle, e inteligência melhorados, pode ser reduzida até certo grau, mas como ficou demonstrado pelos eventos no Afeganistão e até mesmo em todos os conflitos travados pelos EUA, não pode ser eliminada.

Para se manter relevante, a doutrina deve reconhecer os elementos da incerteza e do inopinado. É claro que a doutrina não pode prever o inesperado, entretanto deve ir mais além de banalidades. Ela deve oferecer o fundamento educacional e as ferramentas necessárias para compreender e executar operações bem-sucedidas devido a sua crescente natureza assimétrica e não apesar dela. Desenvolver as ferramentas necessárias é uma função do treinamento, da educação e do auto-estudo. A aplicação dessas ferramentas é uma função da liderança. A doutrina do Exército deve incorporar uma filosofia de operações que reconheça a incerteza como um aspecto fundamental da guerra. Deve ilustrar a natureza adaptativa de um oponente voluntarioso e inteligente, e enfatizar a ausência de prescrição na doutrina. Entretanto, a doutrina não pode parar por aqui.

Iniciativa e Adaptação

Uma lição durável, que a doutrina deve enfatizar, é o fato de que a guerra significa adaptação quando confronta

a assimetria. Exemplos de assimetria e adaptação podem ser encontrados em guerra de insurreição e no desenvolvimento de doutrina e de forças de contra-insurreição. No nível tático podemos ver, durante a I Guerra Mundial, os efeitos da metralhadora, da artilharia indireta precisa e do arame farpado. Podemos estudar a criação de táticas de assalto e do emprego de blindados para contrabalançar aqueles efeitos. Podemos analisar os ataques aéreos americanos contra os sérvios em Kosovo e apreciar suas táticas de dissimulação e camuflagem.

A experiência do Exército no auge das guerras índias é um exemplo ilustrativo. Os índios das planícies eram tribos nômades que empregavam táticas de guerrilha contra as unidades do Exército. Sua mobilidade e perícia lhes permitia atacar rapidamente e evitar a perseguição. As unidades do Exército não tinham mobilidade e inteligência para forçar os índios a um engajamento pré-estabelecido, onde as forças federais poderiam aplicar seu poder de fogo superior. O General George Crook estudou os pontos fortes da força oponente e concluiu que os índios perdiam sua mobilidade no inverno, para não se afastarem muito dos seus acampamentos. Substituindo os cavalos por mulas, mais resistentes, Crook deslocou-se a grandes distâncias durante o inverno podendo, conseqüentemente, atacar os índios em seus remotos acampamentos. Com seus acampamentos destruídos, os bandos de guerreiros tinham apenas duas opções, retornar às suas reservas ou morrer de fome.¹²

A solução adotada por Crook não foi a de desenvolver uma tecnologia exótica para resolver um problema militar. O importante para o seu sucesso foi a escolha conscienciosa, entre as ferramentas disponíveis, da mais apropriada à situação. Crook reconheceu que durante a "época de campanha" os índios tinham uma vantagem assimétrica que o Exército dos EUA não podia superar facilmente. Ele reconheceu que os índios tinham uma desvantagem correspondente durante o inverno e desenvolveu uma abordagem assimétrica que os índios, por sua vez, não puderam enfrentar. Crook não reescreveu a doutrina do Exército; apenas adaptou suas forças para executarem a doutrina de novas maneiras. Devemos exigir esse tipo de pensamento criativo de nossos líderes.

À medida que escrevemos doutrina para uma era de assimetria, devemos reconhecer a necessidade de enfrentar a assimetria que os adversários atuais e em potencial praticam, e adaptar nossas capacidades assimétricas para realizar o esforço nas áreas que o inimigo não pode facilmente responder. Esse fato é importante porque as Forças Armadas dos EUA contam com uma enorme variedade de capacidades assimétricas, que não valem nada se não forem aplicadas de maneira eficaz.

A história militar oferece numerosos exemplos onde essas vantagens, obtidas através da assimetria, não foram exploradas: os ingleses empregaram carros de combate



Departamento de Defesa

Soldados australianos envenenados por gás, pelo Exército alemão, aguardam socorro médico na França em 1917.

em Cambrai em 1917; os alemães usaram gás de cloro em 1915 na segunda batalha de Ypres; a União fracassou em Crater, Petersburg, em 1864 e, no Vietnã, fomos incapazes de combinar nossa mobilidade assimétrica, proporcionada pelos helicópteros, com a correspondente estratégia. Esses casos envolvem aplicações de meios assimétricos que não levaram ao sucesso estratégico ou operacional. Embora os peritos militares possam debater os detalhes, com a finalidade de avaliar a doutrina, deve-se entender que a ação assimétrica pode causar efeitos de segunda e terceira ordem que não são evidenciados em um estudo superficial. Esses e outros exemplos também enfatizam a rapidez da adaptação e a oportunidade passageira para exploração, que talvez possa surgir.

Características de uma Doutrina Eficaz

Numa era onde a assimetria é crescente, uma doutrina eficaz deve ter as seguintes características:

- A doutrina deve possuir um conceito operacional que inclua mais do que guerra convencional de alta intensidade. Numa era de superioridade convencional americana, é improvável que os oponentes tentem igualar nossa força e combatam de forma simétrica. Entretanto, isso é apenas uma vantagem, enquanto

mantivermos a capacidade. Se perdermos essa capacidade, teremos de substituí-la por algo que possa enfrentar qualquer capacidade inimiga similar, ou ficaremos vulneráveis.

- A filosofia doutrinária deve enfatizar a previsão,

O Chefe das Operações Navais durante a II GM, Almirante Ernest King, alertou contra essa probabilidade em 1940 quando disse: "Não haverá tempo nem oportunidade para fazer mais do que atribuir as tarefas para os vários subordinados... Se relutarem em agir porque estão acostumados a receber ordens e instruções detalhadas — se não estiverem habituados a pensar, julgar, decidir e agir por conta própria... estaremos em sérias dificuldades quando chegar a hora para operações ativas."

em vez de profetizar a natureza da doutrina. Como geradores da doutrina do Exército, devemos prever as futuras operações. Da mesma forma que as previsões do tempo, ela deve ser uma avaliação razoavelmente precisa a curto prazo e nem tanto a longo prazo.

Devemos prover uma discussão sucinta e articulada do porquê certas situações ocorrem em combate (teórico, histórico e empírico), de maneira que os soldados e líderes possam entender as bases da previsão.

- Toda a doutrina tem de enfatizar criatividade e a preparação para enfrentar um inimigo adaptável, perspicaz e tipicamente assimétrico. Para isso é necessário determinar o problema e identificar a melhor solução — iniciativa disciplinada do líder desde o mais alto nível de comando até o mais inferior.

- A doutrina deve educar o Exército sobre o fato de que as ações militares freqüentemente apresentam efeitos secundários e terciários (a lei das conseqüências inopinadas). A possibilidade de conseqüências inopinadas aumenta com a incerteza e, da mesma maneira, com a assimetria. A doutrina do Exército deve tratar a assimetria como uma via de dois sentidos.

Como geradores da doutrina do Exército, devemos prever as futuras operações. Da mesma forma que as previsões do tempo, ela deve ser uma avaliação razoavelmente precisa a curto prazo e nem tanto a longo prazo. Devemos prover uma discussão sucinta e articulada do porquê certas situações ocorrem em combate (teórico, histórico e empírico), de maneira que os soldados e líderes possam entender as bases da previsão.

Com base nas capacidades militares, as Forças dos EUA podem ser a força militar mais assimétrica na história, se enumerarmos as capacidades específicas e procurarmos suas equivalentes em outras forças armadas do globo. O poderio dos EUA e a forma de melhor aproveitá-lo quando aplicado assimetricamente deve ser enfatizado pela doutrina.

- A doutrina deve incluir um sistema capaz de reavaliar rapidamente as atuais táticas, técnicas e procedimentos contra as ameaças emergentes, adotar soluções inovadoras para os novos problemas táticos e divulgar as novas táticas, técnicas e procedimentos para as forças em campanha. O Centro de Lições Aprendidas do Exército (*Center for Army Lessons Learned — CALL*) já conta com um sistema que funciona muito bem. O *CALL* coleta regular e continuamente lições aprendidas na forma de novas e modificadas *TTP* e produz e publica relatórios que as divulgam. Precisamos apoiar esse esforço e melhorar a sua já excelente capacidade para repassar esse conhecimento rapidamente.

Promovendo Nova Doutrina

Qual a nossa posição, no momento, em termos de doutrina do Exército, para operações contra o número, cada vez maior, de oponentes assimétricos? A versão do Manual de Campanha *FM 3-0 Operations* de junho de 2001, como o pilar doutrinário do Exército, prepara o palco para mais doutrina específica.¹³ O manual, que difere dos seus antecessores porque é escrito da perspectiva do poder dominante dos EUA, reconhece que a dominância do poder americano estimula assaltos assimétricos contra os interesses e as forças dos EUA. Esse manual oferece um conceito operacional baseado nas operações ofensivas, defensivas, de estabilidade e apoio. Esse enfoque é muito diferente dos outros enfoques sobre a guerra, publicados nos manuais anteriores.¹⁴ Dá ênfase à iniciativa do subordinado e à probabilidade de novas tecnologias para complementar a iniciativa individual. O manual também introduz a exploração de novos conceitos operacionais, como o de operações não contínuas, que talvez possam reforçar o poder assimétrico americano. Até agora, acreditamos que o manual obteve êxito ao antecipar os ambientes e os tipos de operações em curso, no momento, no Afeganistão e em outros lugares. Talvez o próximo manual de operações precise enfatizar a apresentação e o entendimento dos efeitos de segunda e terceira ordem associados às operações terrestres assimétricas, e isso deveria ser estabelecido com base numa revisão minuciosa da teoria militar.

O manual de campanha dos EUA, *FM 6-0, Command and Control*, no momento aguardando aprovação, deveria incentivar a iniciativa do subordinado, mesmo enquanto os meios técnicos de controle melhoram.¹⁵ A premissa fundamental do manual é o comando da missão, definido como "a condução de operações militares através da execução descentralizada, com base na ordem da missão para a consecução eficaz da mesma. Um comando bem-sucedido da missão resulta de líderes subordinados, em todos os escalões, exercendo iniciativa disciplinada dentro da esfera da intenção do comandante para a execução da missão. Requer um ambiente de confiança e entendimento mútuo".¹⁶ O manual de campanha *FM 6-0* e o *FM 3-90* reiteram o pensamento criativo ao aplicar as atuais *TTP* a novas situações, salientando que algumas situações irão exigir *TTP* totalmente novas para a obtenção de soluções eficazes.¹⁷ Embora isso seja apropriado para enquadrar a premissa doutrinária da liderança adaptada para enfrentar o aumento da assimetria, por si só não garante que o treinamento e as operações reflitam o conceito. Esse fato continua a ser um desafio coletivo para o Exército.

Possuir uma doutrina que sirva para o ambiente operacional contemporâneo não é o suficiente. Onde precisamos melhorar é na divulgação da nova doutrina em campanha e nos centros educacionais do Exército. Publicações eletrônicas e distribuição por meio da

Internet podem facilitar e agilizar, mais do que nunca, a distribuição da doutrina, mas não podem fazer com que os usuários, individualmente, a leiam e estudem. Ainda é necessário um programa humanístico de ensino, desenvolvimento profissional e assimilação.

Quando se consideram as implicações para as operações assimétricas, cada vez mais comuns, precisa-se iniciar uma revisão completa das teorias básicas que servem de fundamento para a doutrina. Os antecedentes da doutrina atual são basicamente o estudo das operações militares das grandes guerras européias, em particular das Guerras Napoleônicas e da I GM. Assimilamos e adotamos as idéias de Jomini, Clausewitz, Fuller e de outros que explicam o fenômeno do combate. Foram acrescentados, a essa coleção de princípios e de teoria clássica, valores como o sistema operacional do campo de batalha e o espaço de combate. Mas, já examinamos realmente a natureza das operações do século XXI e suas implicações teóricas? Até que ponto a atual frustração com operações e inimigos assimétricos são o produto da teoria da Era Industrial tentando direcionar as operações

da Era da Informação? Existem indicações de que os velhos conceitos doutrinários estão se tornando inválidos? Nossa intenção não é menosprezar ou eliminar toda a atual teoria e conceituação militar, já que muita coisa ainda pode ser válida. Mas, não podemos afirmar que estamos corretos até fazermos um estudo completo dos atuais teoremas operacionais e das recentes experiências. Não podemos nos dar o luxo de estarmos drasticamente errados ou de nos engajarmos em uma doutrina que não possui respostas válidas para os desafios assimétricos. Numa era de assimetria a:

- Doutrina deve criar flexibilidade de pensamento e ação ao enfatizar a aplicação criativa da força.
- Doutrina deve basear-se na incerteza e não estar presa a soluções fixas para a resolução de problemas.
- Doutrina deve ser constantemente renovada, em todos os níveis, para manter conceitos úteis e descartar os considerados inúteis pelos oponentes.
- Doutrina deve capitalizar nas nossas vantagens assimétricas. **MR**

Referências

1. J.F.C. Fuller, *The Foundations of the Science of War* (Forte Leavenworth, Kansas: a imprensa da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército dos EUA, 1993), p. 254. Reimpressão da edição original de 1926.
2. O desenvolvimento dos computadores de artilharia naval permitiu ao Corpo de Aviação do Exército aperfeiçoar a famosa mira de bombardeio Norden e proporcionou parte do impulso para o desenvolvimento de computadores eletrônicos mais tarde, na II GM.
3. Para mais informação a respeito do torpedo Tipo 93 de 61 centímetros, ver a página do Departamento da Marinha. Centro de História Naval dos EUA, em www.history.navy.mil/photos/events/wwii-pac/guadlcnl/guadlcnl.htm. Ver também a página da Joint Forces Quarterly, em www.dtic.mil/doctrine/jel/jfq_pubs/2120.pdf. Para cifras comparativas de rendimento, ver o quadro em www.microworks.net/pacific/battles/java_sea.htm.
4. Publicação Conjunta dos EUA 1-02, Dicionário de Termos Militares do Departamento de Defesa (DOD), na página www.dtic.mil/doctrine/jel/new_pubs/jp1_02.pdf.
5. Exemplos em recentes manuais do Exército incluem a "defesa ativa" (FM 100-5, Operations [Washington, DC: Government Printing Office [GPO], 1976]); "AirLand Battle" (FM 100-5, Operations [Washington, DC: GPO, 1982]); "full-dimensional operations" (FM 100-5, Operations [Washington, DC: GPO, 1993]); e "full-spectrum operations" (FM 3-90, Tactics [Washington, DC: GPO, 2001]).
6. FM 3-0, parágrafo 2-12.
7. FM 3-90, Tactics (Washington, DC: GPO, 4 de julho de 2001), parágrafos 1-12 e 1-13.

8. *Ibid.*
9. *Ibid.*, parágrafo 1-13.
10. As palavras literais são, "A guerra é o domínio da incerteza; três quartos dos fatores no qual está baseada a ação na guerra estão envolvidos em uma nuvem de incerteza maior ou menor" (Carl von Clausewitz, *Da Guerra*, Livro Dois, *Da Natureza da Guerra*, cap. 6).
11. O Almirante Ernest King citado no FM 6-0, Command and Control, DRAG editor. (Forte Leavenworth, Kansas: Diretório de Doutrina de Armas Combinadas). Quando fez esta declaração em 1940, King era comandante de uma força de encouraçados. Subiu à posição de Comandante em Chefe da Frota Atlântica antes que o presidente Franklin D. Roosevelt o nomeasse Chefe das Operações Navais. A referência é de Thomas B. Buell, *Master of Sea Power: A Biography of Admiral Ernest J. King* (Boston: Little, Brown, 1980).
12. History of the Army in the Indian Wars, Centro de História Militar do Exército dos EUA na página eletrônica: www.army.mil/cmhp/books/AMH/AMH-14.htm. Ver também *Indian war campaign summary*, Centro de História Militar do Exército dos EUA na página www.army.mil/cmhp/reference/iwcmp.htm.
13. FM 3-0.
14. Ver os manuais FM 100-5.
15. FM 6-0.
16. FM 6-0, Glossário, p. 5.
17. FM 6-0 e FM 3-90.

O Coronel (Res) Clinton J. Ancker III é o chefe do Diretório de Doutrina de Armas Combinadas, do Centro de Armas Combinadas do Exército dos EUA (CAC), Forte Leavenworth. Possui os títulos de Bacharel pela Academia Militar dos EUA; Mestre em Administração de Empresas pela Long Island University; Mestre em Ciências Políticas e em História Européia Moderna pela Stanford University; Mestre em Segurança Nacional pela Escola de Guerra Naval dos EUA. Serviu em várias funções de comando e estado-maior no território continental dos EUA, no Vietnã, no Kuwait e na Albânia onde foi Chefe da equipe de OLIG militares do Comando Europeu dos EUA.

Tenente-Coronel (Res) Michael D. Burke é analista militar no Diretório de Doutrina do Centro de Armas Combinadas, Forte Leavenworth. Possui o título de Bacharel pela University of California, Los Angeles; o de Mestre em Administração de Empresas pela Long Island University e o de Mestre em Arte e Ciência Militar pela ECEME/EUA. Serviu em várias funções de comando e estado-maior no território continental dos EUA, na Alemanha, na Coreia e no Sudoeste da Ásia.